

# Artes Plásticas: o acreditar em si próprias e aquilo que se faz vale a pena

## Entrevista à artista mediadora Maria José Brito

ANTÓNIO ÂNGELO VASCONCELOS

[antonio.vasconcelos@ese.ips.pt](mailto:antonio.vasconcelos@ese.ips.pt)

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação  
CIPEM-INET-md, Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudo em Música e Dança, polo Instituto Politécnico do Porto

ANA LUÍSA OLIVEIRA PIRES

[ana.luisa.pires@ese.ips.pt](mailto:ana.luisa.pires@ese.ips.pt)

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação  
CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

GINA C. LEMOS

[gina.lemos@ese.ips.pt](mailto:gina.lemos@ese.ips.pt)

Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação  
CIED - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho

### Resumo

A entrevista à artista - mediadora Maria José Brito foi realizada no âmbito Projeto “Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se” desenvolvido na Cáritas Diocesana de Setúbal com um conjunto de participantes em situação de sem abrigo. A entrevista evidencia as conceções do artista-mediador sobre os papéis das artes, em geral e das artes visuais em particular, com públicos em situações de exclusão, os processos de trabalho desenvolvidos em termos pessoais, sociais e artísticos bem como a sua perceção sobre os principais contributos do “Recriar-se” para as pessoas envolvidas e para a comunidade.

### Palavras-chave:

Projeto Recriar-se, Artes Plásticas e Inclusão, Bem-Estar, Práticas Artísticas Participativas, Comunidades.

## Abstract

The interview with the artist-mediator Maria José Brito was conducted within the scope of the project “Investigating and evaluating the ReCriar-Se project,” developed at Cáritas Diocesana de Setúbal with a group of homeless participants. The interview highlights the artist-mediator's conceptions about the roles of the arts in general, and music in particular, with audiences in situations of exclusion, the work processes developed in personal, social, and artistic terms, as well as his perception of the main contributions of “ReCriar-se” to the people involved and to the community.

## Key concepts:

Recriar-se Project, Fine Arts and Inclusion, Well-being, Participatory Artistic Practices, Communities.

## Da formação e da intervenção artística e profissional

**Entrevistador(a):** Qual é a tua formação de base?

**Maria José Brito:** Eu sou escultora de base, o meu curso é de escultura das Belas Artes, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e além disso tenho doutoramento também em Belas Artes pela Universidade Clássica de Barcelona. Antes disso, fiz pintura na António Arroio [...]. Em termos profissionais, mas talvez possa interessar, para lá de ter dado aulas durante toda a vida e ter sido orientadora de estágio durante para aí uns oito anos, dez anos, estive na Divisão de Orientação Educativa, na DOE, durante 6 anos e também estive à frente do Gabinete de Educação Visual durante uns três anos no Ministério da Educação, em Lisboa. Resumidamente, é isto. Tenho uns livros escolares de primeiro ciclo e segundo ciclo de Educação Visual.

**Entrevistador(a):** E para além dessa atividade enquanto docente?

**Maria José Brito:** Ah, isso é escultura, tenho várias esculturas. Não só aqui no continente, como também nas ilhas e até tenho umas coisitas em África também.

**Entrevistador(a):** Essas esculturas abrangem diferentes tipos de materiais, não é?

**Maria José Brito:** Sim, aliás na própria ESE e em todo o Politécnico de Setúbal, cada escola tem uma escultura minha que é de chapa, de zinco e também tem pontualmente, alguma coisa em pedra. Tenho na Guarda uma em pedra. O que eu tenho é essencialmente em bronze. Em Setúbal, na Madeira, em Elvas não é em bronze, na Quinta do Anjo... tenho várias coisas. Estou a falar de coisas públicas. Tenho uma na Via Sacra na Quinta do Anjo, um busto em bronze, no Montijo, um busto em bronze, em Setúbal uma rotunda,

---

mas que é em ferro.

**Entrevistador(a):** E essas relações entre a parte criativa e a parte docente retroalimentaram-se? Como é que elas se interligavam, ou às vezes não se interligavam?

**Maria José:** Interligavam-se e muito. Para já, porque eu dava aulas de escultura, que era essencialmente a minha área, não é? Portanto, sou daquelas pessoas privilegiadas que pode dar aulas e pode ajudar os outros e pode motivar para uma coisa que ela própria gosta e, portanto, eu acho que isso é um privilégio. [...] Nos 18 anos que fui professora na ESE de Setúbal dei inclusivamente aulas de escultura. Portanto, eu acho que isso é um privilégio fantástico, não é?

**Entrevistador(a):** E para além dessa diversidade toda também sei que estavas ligada a alguns projetos de natureza social?

**Maria José Brito:** E não só isso, também pela maneira de ser e também pela maneira de estar no mundo. Há coisas que eu tenho feito e que não têm nada a ver com os Lions (Club) onde estou há quase 30 anos. Mas para lá desses projetos, de coisas relacionadas com a solidariedade, eu estive, por exemplo, na Casa do Gaiato [...] antes do COVID19.

**Entrevistador(a):** Também a trabalhar em projetos artísticos, é isso?

**Maria José Brito:** Sim, eu fiz teatros com eles e fiz uma série de coisas lá na Casa do Gaiato de Maputo e agora pedem para ir lá, mas ainda não sei [...].

**Entrevistador(a):** E quais são as razões que a levaram a participar nesse tipo de projetos?

**Maria José Brito:** Eu não falei foi em termos dos Lions... Fiz muitas coisas, nomeadamente na minha área, mas não só para os Lions. Por exemplo, em Linda-a-Velha, em lares de 3ª idade, em que a pessoa faz umas coisas de cerâmica. Portanto, no cruzamento da minha área. E depois tenho feito outras que não têm necessariamente a ver com a minha área, como é evidente.

### **As práticas artísticas e o desenvolvimento pessoal e comunitário**

**Entrevistador(a):** Nessa inter-relação dessas várias dimensões de que modos é que, do teu ponto de vista, as práticas artísticas podem contribuir para o desenvolvimento pessoal, para a inclusão....

**Maria José Brito:** Muito. É muito gratificante quando depois uma pessoa sabe que há miúdos que seguiram coisas relacionadas com a arte, ou fazer um teatro em que fizeram a personagem como se fosse um artista plástico de renome e depois sentir aquilo como qualquer coisa semelhante àquela figura que encarnaram naquele teatro, eu acho isto um máximo, porque é a concretização de que valeu a pena.

**Entrevistador(a):** E em termos do desenvolvimento comunitário?

---

---

**Maria José Brito:** Há uma coisa que eu acho que é muito interessante e não tem a ver com a Cáritas, tem a ver com aquilo que eu desenvolvo, desde que deixei de estar no ativo, que é o seguinte: eu continuo a manter dois ateliês a funcionar, um ateliê de pintura em Elvas [...], que é promovido pela Câmara Municipal de Elvas, e é para toda a gente [...]. Estou lá há 20 anos [...]. Por outro lado, aqui nesta zona, as pessoas são maioritariamente de Setúbal, mas também há gente de Lisboa que vem aqui à Quinta do Anjo onde eu moro, mas agora é em Almada, concretamente no Cristo Rei [...]. De uma forma geral, são pessoas de idade, quer dizer, da minha idade. Em Elvas as pessoas são um bocadinho mais novas que eu. Aqui, nesta zona, há de tudo, mas há pessoas mais velhas do que eu, mas em Elvas há três jovens, em que uma delas seguiu Belas-Artes, está a acabar, e que quando foi para lá não era para ir para Belas-Artes, a outra não seguiu porque estuda em Espanha e vinha para Elvas só para ir lá ao ateliê e trabalha neste momento em Espanha em questões sociais. O que eu quero dizer com isto é que, talvez mais do que nos utentes da Cáritas, talvez porque são pessoas que têm uma postura diferente na vida, verbalizam, sempre que vou, a alegria de podermos estar juntos [...].

#### **O Projeto de intervenção artístico-social: o Recriar-se**

**Entrevistador(a):** Perante isto tudo, como é que te envolveste com o projeto Recriar-se?

**Maria José Brito:** Houve um desafio e são coisas que são para mim muito fáceis, está no meu espírito e acho que me sinto um bocado realizada quando faço coisas dessas, concretamente neste projeto e nesta matéria [...].

**Entrevistador(a):** E quando a convidaram para fazer parte do Recriar-se quais foram as razões que a levaram a aceitar esse convite e desde quando é que está no Recriar-se?  
[...]

**Maria José Brito:** Sim aceitei. A razão principal é que realmente conheço e sou amiga do Fernando Pinho, ele foi meu aluno [...] conheci-o em várias funções, ele é quase do início da ESE, e tenho uma grande estima, uma grande admiração, porque acho que é uma pessoa de cinco estrelas. [...].

**Entrevistador(a):** Então foi o Fernando que te convidou é isso?

**Maria José Brito:** Foi o Fernando Pinho que me convidou. Também conhecia o Carlos Xavier, até porque os convidei muitas vezes para fazerem coisas para os Lions, nas coisas que eu tenho organizado [...].

**Entrevistador(a):** Para além dos motivos da relação que tem com o Carlos e o Fernando, que outros motivos é que a levaram a aceitar entrar no Recriar-se?

---

**Maria José Brito:** O objetivo do projeto, obviamente, não é por ser amiga deles exclusivamente. Realmente acredito que a arte [...] é fundamental, uma estratégia fantástica de integração, de valorização pessoal [...]. Nestas pessoas que têm com certeza grandes *handicaps* noutras áreas, é uma mais-valia para os ajudar e uma estratégia que deve ser muito importante para as pessoas se realizarem e os ajudarem a acreditar em si próprios. A sentir que têm valor porque conseguem superar-se em coisas que achavam que nunca iriam conseguir e afinal conseguem, que se sentem valorizados porque há público que vê as suas obras, sejam elas quais forem, podem ser obras de artes plásticas mas também pode ser em termos de canto. Acho isto um máximo, que as pessoas comecem a acreditar em si próprias. Acredito muito nisto e por isso é evidente que meto a mão na massa, ajudo nos trabalhos [...]. Interessa-me é que eles cheguem ao fim e com aquela ajuda pequena consigam ficar com uma coisa que toda a gente goste.

### **Processos de trabalho artístico e intencionalidades**

**Entrevistador(a):** Pegando precisamente na questão do processo de trabalho do ateliê que a Maria José desenvolve com os participantes do Recriar-se, quais são as suas intencionalidades nesses ateliês?

**Maria José Brito:** Curiosamente, eu só lhe chamaria um ateliê, porque só faço dentro das artes plásticas, faço técnicas diferentes, mas dentro das artes plásticas, e eu tinha intenção de ter seguido uma linha que depois a abandonei porque eu tinha tentado seguir uma linha em que eles não sentissem...como é que eu posso dizer? Não era “avaliados”, mas em que eles não sentissem que o trabalho deles...estavam a fazer um trabalho em que tinham de se exprimir...o que não quer dizer que não fizessem, mas que não sentissem.

**Entrevistador(a):** Não sentissem o quê Maria José?

**Maria José Brito:** Avaliados no sentido de expor um trabalho seu e em que os outros comentassem aquele seu trabalho, portanto, isso às vezes inibe muito as pessoas e não têm que ser pessoas que têm alguns traumas...

**Entrevistador(a):** Qual era a sua intenção?

**Maria José Brito:** Quando se pede a uma pessoa que desenhe numa folha em branco, nem que seja um artista plástico, se calhar fica um bocadinho inibido porque está toda a gente a olhar para ver o que é que ele faz. Isto às vezes é terrível, não é? Mas já nem falo desta coisa assim mais dramática. Eu achei que indo pela parte de História de Arte eu ia explicando coisas e eles iam fazendo sem se aperceberem e sem a intenção de que se estavam a expor...eles estavam a recriar coisas daquele artista plástica ou, enfim, era uma

---

forma indireta de chegar lá sem que se sentissem tão confrontados com o seu trabalho, só que tive que abandonar a lógica embora eu continue um bocadinho com isto, mas abandonei a lógica de haver um percurso. Nos primeiros tempos eu fiz isso, mas depois comecei a perceber que não valia a pena porque os participantes que iam a uma aula, não eram os mesmos da aula seguinte. Portanto, o único percurso era na minha cabeça, ou era eu, porque para as outras pessoas não era percurso nenhum porque não sabiam o que é que tinha acontecido antes nem o que ia acontecer depois. Isto era uma coisa que era minha. Então abandonei essa coisa de haver uma progressão artística para ir pegando em artistas plásticos, pegando naquilo que por qualquer motivo, vem a propósito ou da época do ano, ou de qualquer coisa... Por exemplo agora peguei nos peixes por causa daquilo que houve em Portugal por causa dos oceanos, ou porque estamos no Carnaval, ou estamos no Natal. Ou é uma época do ano ou acontecimento... pego nisso para introduzir um artista plástico que me interessa, que eles conheçam, porque vai ampliar o seu conhecimento. Por exemplo Cézanne, a propósito dele fazer naturezas mortas, então nós fazemos uma natureza morta, uns vão desenhar, depois outros vão não sei quê, depois posso introduzir técnicas diferentes sei lá...o linóleo ou uma coisa assim... vão não só experimentando algumas técnicas, mas vem sempre a propósito de qualquer coisa que está para trás, não cai assim do céu “Ai, hoje vamos fazer”, não, é sempre a propósito de um artista.

Outro exemplo é a Frida (Kahlo) que realmente é uma mulher espetacular que venceu muitas dificuldades [...]. Normalmente apresento sempre um filmezinho, primeiro sobre esse artista, focando muito essa parte das dificuldades que os artistas tiveram e sabe-se perfeitamente que muitas vezes é justamente nessa adversidade da vida em que as pessoas gostam de se exprimir porque quando tudo está bem, muitas vezes não é nessa altura que eles produzem. “Eles” quer dizer...porque eu costumo dizer que eu falo com os artistas, eu não sou artista e, portanto, é muitas vezes, nessa parte, que saem às vezes as melhores obras e portanto, ver como superar todos os problemas que tiveram na vida e conseguiram coisas brilhantes. No fundo, tentar dar exemplos para eles próprios, gosto muito de procurar essa via.

**Entrevistador(a):** Ou seja, na verdade é que há uma grande intenção para que eles, por um lado, ampliem os seus conhecimentos no ambiente dos artistas plásticos, mas também introduzir e experimentar técnicas diferentes com o tal contexto ou tema.

**Maria José Brito:** Sim, isso sempre. Aliás, há duas coisas em que não foi propriamente através de artistas plásticos, mas teve sempre uma intenção didática ou pedagógica. Por exemplo, lembro-me de um dia em que eu lhes pedi que me fizessem um dia feliz da vida

---

---

deles e era um bocadinho também para eu os conhecer ou para falarem, porque normalmente eu sinto que essa é uma das dificuldades, não saber nada dos participantes. Eu teria a delicadeza de manejar esse meu conhecimento e acho que às vezes podia colaborar um bocadinho nessa ajuda. Mas enfim, isso transcende-me e sei que não é a norma do projeto e, portanto, respeito, embora tenha pena.

Mas eu pedi-lhes justamente um dia feliz da vida deles e há alguns que de imediato foram capazes de dizer, nem que fosse uma ida à praia, como a A., ou falar da família, como o Mário que me falou de uma casa grande e de um cão, ou como o J. que achava que ter uma casa e poder casar com a F. ou S., uma delas, que deveria ser uma coisa maravilhosa e, portanto, pôs um coração. As pessoas puseram isso no papel e depois isso tudo foi transformado em sombras chinesas em cartolina com os perfis deles e isso apareceu na exposição com balões de pensamento para se perceber o que era aquilo, como se fosse quase uma banda desenhada. [...] Nunca lhes pedia/perguntaria qual foi o dia mais infeliz da vida deles, é sempre pela positiva.

Depois fizemos outra coisa que não tinha a ver propriamente com artistas plásticos, mas com provérbios em que eles tiveram que relatar visualmente, desenhando, provérbios que conhecessem ou que eu tivesse dado através de uma lista para que eles pudessem escolher aqueles que lhes tocassem mais ao ponto de serem capazes de visualmente os retratar.

**Entrevistador(a):** Na verdade tem diferentes estratégias e diferentes metodologias para trabalhar.

**Maria José Brito:** Sim, porque eu acho que estar sempre a bater na mesma tecla também não. Assim como o poder ir desenhar coisas para a rua, que já fomos várias vezes desenhar coisas para a rua, é evidente que há que mudar às vezes as estratégias, mas de uma forma geral já são muitos os artistas plásticos que nós abordámos, embora possam sempre ser abordados mais do que uma vez [...]. Picasso já utilizámos mais do que uma vez, por motivos vários, ou pelas colagens, ou pela vida dele. Outra abordagem como a Frida, que eu abordei pelo menos duas vezes, porque tem pano para mangas, porque dentro das suas limitações a questão do autorretrato que ela fez tantas vezes por estar ali imobilizada na cama, justamente por coisas de superação.

**Entrevistador(a):** Tivemos vários exemplos que são bastante ilustrativos do tipo de trabalho que desenvolve no ateliê. Gostávamos também de saber que dinâmicas de grupo é que privilegia e como é que a Maria José promove a motivação e o envolvimento dos participantes no seu ateliê.

**Maria José Brito:** Eu bem gostava de lhe poder responder a isso, mas é muito difícil,

---

porque eu não sinto que as pessoas estejam minimamente empenhadas em ser um grupo, pelo contrário, acho que há um individualismo. Eu gosto muito que haja dinâmica de grupo, por todos os motivos e mais alguns, mas eu ali consigo muito pouquinho, para não dizer que não consigo. Isso eu consigo nos ateliês que desenvolvo cá fora.

**Entrevistador(a):** Mas não consegues por causa das características das pessoas que lá estão, é isso?

**Maria José Brito:** Das pessoas, porque “O que é meu é meu e o que não é meu é um assunto que não me interessa.”. O que não quer dizer que as coisas não estejam melhores, eu tenho de reconhecer isso [...].

**Entrevistador(a):** E em termos de motivação para o trabalho, mesmo individual, como é que a Maria José, por exemplo, quando se depara com alguns elementos que possam estar menos envolvidos numa determinada tarefa que foi proposta, procura envolver e motivar mais essa pessoa?

**Maria José:** Repare, eu costumo muito dar elogios quando as coisas estão bem [...]. [Por outro lado] o J. A., que tendo ele alguns conhecimentos, logo no primeiro dia tentou logo confrontar-me com coisas, isso acho perfeitamente normal, não é? Estamos a falar de adultos, já com muitas experiências e depois as pessoas ficam muito admiradas quando eu lhe perguntei onde é que ele tinha dado aulas e ele ficou muito sério a olhar para mim, assim com um ar “mas quem é que lhe disse?” [...]

Quer dizer, ele nunca me disse, mas até posso garantir que ele deu aulas no segundo ciclo, porque é onde se usam essas coisas e se usam as tampas para pôr a tinta para não sei quê, porque há alunos que só querem lápis de cor, há outros que só querem tintas, mas claro que a pessoa percebe logo uma série de coisas. Assim como o outro J. quando eu disse, “Diga-me lá, em termos da sua vida profissional desenhou bastante...?” E ele disse “Não uma coisa e tal”, “Mas era gráfico?” E ele disse “Não, não, não, não era gráfico”, “Então, já agora, explique-me lá, o que é que fazia então?”, “Trabalhava, era na estampagem”, “Então, mas isso é ser gráfico”. Ficou a olhar para mim um pouco e eu depois expliquei-lhe que ele realmente desenhava muitíssimo bem e era verdade, mas é um tipo de desenho diferente por exemplo do H., que é um desenho artístico que esse para mim, continua a ser um mistério. Inicialmente, cada vez que eu lhe dava os parabéns e enaltecia ele desaparecia. Não podia dizer bem do H., porque senão era meio caminho andado para desaparecer, agora já não. Acho que é assim, um percurso enorme, gigante a relação, que neste momento eu acho que é daqueles que pode faltar toda a gente, mas o H. não falta, mas que realmente é um indivíduo que sabe de história da arte, mas sabe imenso e entretanto

eu achei muito estranho, porque aquilo não se aprende na escola, aquele conhecimento que ele tem não é conhecimento de escola e houve uma vez que lhe perguntei “Porque é que sabe isso tudo?”, “Porque trabalhei com o Chora”, que é um pintor de Setúbal e eu disse “desculpe lá, senhor H., não é por trabalhar nem que fosse com o Picasso que o senhor sabe isso, mas pense lá, o que é que acha?”, “ah eu leio muito”, “ah por aí, já acredito, mas eu continuo a achar que não é só leitura”. Houve uma vez que eu acho que o (António) Vasconcelos estava lá quando ele me perguntou o que é que íamos fazer na aula seguinte e que eu lhe dei só um dado qualquer, já não me recordo o que é que foi e ele de imediato me diz, por exemplo, quando eu dei Cézanne eu levei umas maçãs e um pano e depois pedi um prato e depois perguntei se alguém sabia o que é que íamos dar naquele dia, qual era o autor, ele pensou um bocadinho e disse-me “Cézanne” Pronto quando eu falo em girassóis é normal que ele me diga que é o Van Gogh, ou se é com nenúfares que é o Monet, mas há outras coisas, aliás, o último foi o Klimt. No outro dia, que eu perguntei se alguém sabia, estava à espera que ele não soubesse, que não é daqueles assim tão badalados e ele disse-me logo “o beijo”, quer dizer, mas por vezes dou-lhe coisas pequeninas e ele sabe, além de que tem conhecimento, por exemplo, de perspetiva quando fomos para a rua (...).

Por isso, essa coisa do grupo, eu só consigo em termos de [...] tentarem respeitar-se ao ponto de não tirar a tinta toda que querem e não deixarem nada para ninguém. Portanto, é só nos comportamentos que eu consigo alguma coisa, porque depois noutras coisas, não só por maneira de ser, ou porque sei lá. Por exemplo, o J. A. não está nada interessado em ser de nenhum grupo, porque provavelmente tem uma história pessoal em que se acha completamente diferente e fora da caixa ali, mas em termos práticos, sim, há alguma ajuda entre eles.

### **As práticas artísticas e o desenvolvimento pessoal e social**

**Entrevistador(a):** [...] Quais têm sido os contributos do Recriar-se para o desenvolvimento pessoal e social daqueles participantes que vão ao seu atelier? Que principais mudanças é que tem observado nos participantes?

**Maria José Brito:** Acho que de uma forma quase natural tem havido uma seleção de pessoas, em que os que ficam, ou os que agora me parece que vão permanecer, porque há sempre uns que aparecem e desaparecem...nesses eu sinto evolução.

**Entrevistador(a):** Em que medida e em que sentido?

**Maria José Brito:** Olhe, tão simples quanto isto. Eles estão habituados, para dizer a verdade, não por mim, mas um bocadinho pela L. a sentarem-se e a L. é que lhes leva o

---

cavalete, dá as coisas para eles desenharem e eles estão sentadinhos. É evidente que eu... não é porque não possa fazer, não é porque eu não faço isso por exemplo ao senhor R., ou ao P., porque sei que têm limitações, mas de uma forma geral eu não alimento esse tipo de coisas. Eles têm de saber o que necessitam e ir buscar. Por exemplo, lembro-me perfeitamente que nas últimas aulas, o J. S. assim que me via pegar numa coisa ia buscar o cavalete e ajudava.

**Entrevistador(a):** Nota alguma evolução em termos de proatividade?

**Maria José Brito:** E mesmo para me ajudar a mim, não sei se ele faz isto para um colega, eu acho que não, mas já me ajudaram a mim. Por exemplo, eu levo materiais... no outro dia foi o Kandinsky, portanto a relação entre a música e artes plásticas e eu levei uma série de instrumentos musicais. Houve um, que eu já não me recordo quem foi, que foi buscar uma guitarra, que eu nem sabia que havia guitarras lá em cima. Mas mais do que isso, eu lembro-me de estar a arrumar o carro cá em baixo porque ia para a aula e ia carregada com coisas e o senhor H., que está por ali sempre deitado no chão e que deixou de estar deitado, porque por vontade dele na aula estava agachado no chão, eu nunca o deixei estar agachado [...] mas quando me viu carregada, ele levantou-se e foi-me ajudar e foi ele que levou as coisas para cima. Claro que muitas vezes o que acontece é, então nos primeiros tempos, era tudo ao contrário, que era o levarem o utente para o elevador... se calhar custa, eu não digo que não, mas há que fazer um esforço.

**Entrevistador(a):** Ou seja, nota essas mudanças deles exibirem comportamentos...

**Maria José Brito:** Comportamento ‘zinhos’, de ficar no fim da aula, porque há que lavar o material e ficar a lavar o seu material. Claro que a L. toma uma posição às vezes, mas essa é diferente, é porque quer ajudar o P. e depois também quer ajudar-nos a nós e então pergunta logo se é preciso alguma coisa e quer levar, e quer arrumar. É talvez a única que tem olhado para o conjunto, mas eu penso que não é um conjunto de verdade, ou seja, ela é capaz de fazer seleção das pessoas que ajuda, não é propriamente assim de mãos abertas, seja para quem for... suponho, não posso garantir o que estou a dizer, porque ela tem muitas vezes essa atitude, é dela, assim como é dela desistir de tudo. Assim como o senhor A. que quando vai começa por dizer logo “eu não sou capaz”, é a frase sagrada, e eu então também adotei uma frase sagrada que é “ok, já sei que o senhor A. não é capaz, então vai-me fazer um favor, vai fazer que é para provar que não é capaz” e ele faz.

**Entrevistador(a):** E no âmbito das atividades da dimensão mais artística e mais técnica, consegue-se perceber alguns contributos ou é muito limitado também?

**Maria José Brito:** Há uma evolução muito simpática, mas só mais concretamente de

---

duas pessoas, vá lá três, com um bocadinho de boa vontade, eu chego a quatro, mas essa quarta pessoa, ainda não sei o que é que faz com que ele vá ou não vá à aula.

**Entrevistador(a):** Então vem notando as evoluções também técnicas e artísticas.

**Maria José Brito:** Claro, mas é tudo muito lento. Às vezes quase desesperante.

### **Olhares sobre o trabalho e o Projeto**

**Entrevistador(a):** [...] Como é que tu avalias o teu trabalho no Recriar-se?

[...]

**Maria José Brito:** Acho que tenho boa vontade, às vezes apetece-me mandar tudo às urtigas, porque não vejo, não sinto aquilo que eu gostava, é caso para dizer, é feito de momentos.

**Entrevistador(a):** O que é que gostava de sentir Maria José?

**Maria José Brito:** A evolução rápida daquela malta.

**Entrevistador(a):** É uma questão de ritmo é isso?

**Maria José Brito:** Também, porque há dias em que a pessoa sai com entusiasmo e “ai desta vez é que vai”, eu lembro-me quando fizemos aquela intervenção do Natal, em que alguns foram as personagens, porque foram deitadas no chão para desenhar o contorno e para pintar e havia uma dinâmica gira das pessoas a colaborarem, mas depois a pessoa é capaz de chegar, como houve um dia que eu cheguei, só lá estava o senhor R., quer dizer apanhei logo um balde de água fria. Portanto, isto não é fácil, porque há muitas coisas que eu gostaria de fazer na minha vida, que não faço para estar ali e depois de repente a pessoa espreme e digo “ah ok, então e o que é que resultou de útil aqui?”, é evidente quando aquelas pessoas que eu sinto que estão a aproveitar, mesmo que seja um bocadinho, fico encantada, quando a pessoa sente que ninguém está a aproveitar é desgostoso.

**Entrevistador(a):** E quais são os aspetos que tu consideras mais bem conseguidos no trabalho, Maria José? E depois os menos, claro.

**Maria José:** Na minha área eu acho que não é dramático não haver grupo porque os verdadeiros artistas são sempre individuais. O facto de não haver grupo para mim é menos simpático, gosto de trabalhar com as pessoas em equipa, portanto, para mim isso não é muito simpático, mas é para mim, porque para o crescimento pessoal deles e para a integração deles eu acho que claro que é importante, mas não é definitivo. Se estivéssemos a falar de uma música era dramático, não é? Agora, na minha área não tem necessariamente de ser isso.

Os bem conseguidos, acho que o facto de eles verem e eu, apesar de tudo, que terem obra para mostrar e ter a oportunidade de fazer com que eles vejam que aquilo que fazem vale

---

a pena, que é bom, que é bonito, que os outros apreciam. Eu fico quase como uma mãe que vê que, afinal, o filhote faz coisas e que as pessoas gostam daquilo, que bom, é um bocadinho esse sentimento.

**Entrevistador(a):** Eles também ficam orgulhosos ou não?

**Maria José Brito:** Não exteriorizam, não são pessoas para exteriorizar. Essa é uma das coisas em que eu também fico um pouco triste. Eu acho que ficam, mas não conseguem verbalizar. E eu acho que ficam porque depois aparecem. Eu tenho de deduzir que ficam, eu não consigo saber que ficam. Eu não os ouço dizer que ficam, mas isso acho que nenhum deles.

[...]

**Entrevistador(a):** Do teu ponto de vista, quais são os principais contributos que o Recriar-se tem dado para a comunidade, pelo menos para aquele contexto onde as pessoas vivem.

**Maria José Brito:** Por vezes há ateliês que se fazem nestas coisas que são muito para entreter as pessoas. Acho que este projeto tem um objetivo muito mais elevado, muito diferente, que em alguns momentos se podem parecer com esse tipo de “ateliêzinhos”, não no sentido depreciativo, no sentido de ser apenas para um bocadinho mais do que o entretém, ou mais o lazer, aqui, eu pelo menos gostaria e se calhar é por isso que às vezes sinto uma certa frustração de não sentir essa evolução, que era quase podê-los lançar em termos de fazerem coisas em que fossem de tal maneira valorizados que pudessem quase servir de profissão, mas no sentido de se poderem projetar e evoluir e criarem coisas muito pessoais, porque isso é criatividade, são coisas artísticas e cada pessoa é uma pessoa e é pôr a sua individualidade à prova, poder mostrar a sua individualidade, que é uma coisa diferente do que estar a fazer um trabalho manual. Deveria haver uma evolução que transcende o repetir atos, repetir gestos, repetir coisas. Era isso em que eu acho que o projeto Recriar-se os podia ajudar e que os ateliês normais não permitem isso às pessoas.

**Entrevistador(a):** E qual é que tem sido o contributo efetivo do seu ponto de vista, do Recriar-se para aquela comunidade? A Maria José está a falar no sentido condicional, no “se”, mas efetivamente para si qual é que tem sido o contributo para aquela comunidade?

**Maria José Brito:** Eu acho que um bocadinho, mas eu gostaria de ver muito mais [...]. A imagem que eu acho que há na comunidade em relação ao Recriar-se é uma lufada de ar fresco daqueles que vão. E quando eu digo isso, pode ter alguma dor de cotovelo entre aspas dos que estão de fora em relação aos que participam. Penso que pode haver e que às vezes isso faz com que talvez alguns sejam atingidos por isso, porque eu já tenho visto

quando alguém o está a chamar para a aula, sinto que os outros que não vão, porque não estão para se expor, porque o ter que trabalhar para depois mostrar é uma forma de se exporem, portanto não estão para isso, não querem, têm medo e, portanto, fogem por medo disso mesmo. Mas isso ao mesmo tempo, para mim, é um reconhecimento do que os outros fazem, então eu acho que é visto como uma lufada de ar fresco que há ali, mas que ao mesmo tempo se sentem um bocadinho inibidos. [...].

**Entrevistador(a):** A Maria José está aqui a destacar o facto de o projeto ser diferente dos que são habituais e que isso tende a ser visto como positivo para aqueles que procuram este aspeto distintivo.

**Maria José Brito:** Sim, sim e algum medo ao mesmo tempo. Eu estou convencida que haveria ali pessoas que, se eu, por exemplo, tivesse outra maneira de me aproximar de pessoas que estão por ali, que eu não conheço, mas que estão por ali e de os puxar e de lhes explicar que não têm de desenhar, que podem ir só para fazer gatafunhos... Esse é um *handicap*, “eu não sou capaz e, portanto, eu não vou, nem sequer lá ponho os pés, ou então vou lá assim espreitar pela porta e vou fugir” e isso podia ser bom, mas eu pessoalmente reconheço a minha incapacidade para fazer esse tipo de trabalho e de os puxar para isso.

**Entrevistador(a):** Se a Maria José pudesse caracterizar o Recriar-se numa frase, o que é que diria?

**Maria José Brito:** Vale a pena. Unidos conseguimos.

### Nota curricular da entrevistada

**Maria José Nunes de Brito** possui doutoramento em Belas Artes pela Universidade Clássica de Barcelona e licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Iniciou a carreira docente em 1967. Desempenhou funções educativas na Direção Geral do Ensino Básico, quer na Divisão de Orientação Educativa quer no Gabinete de Educação Visual. É coautora de manuais escolares de Educação Visual e Tecnológica para o 2.º Ciclo do Ensino Básico e de Educação Visual para o 3.º Ciclo, publicados pela Texto Editora e pela Santillana, e ainda de diversos Guias e Manuais de Formação de Professores para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. A partir de 2008, entregou-se quase exclusivamente à criação escultórica. Realizou diversas exposições individuais e coletivas de desenho, pintura e escultura.

**António Ângelo Vasconcelos**, Licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, Doutorado em Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e professor coordenador na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Investigador no CIPEM. Coordenador do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

**Ana Luísa Oliveira Pires**, licenciada em Psicologia pelo ISPA, mestre e doutora em Ciências da Educação pela FCT-UNL e Pós-Doutoramento em Ciência de Educação (FPCE-UL). Investigadora no CICS.NOVA, professora coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto ReCriar-Se".

**Gina C. Lemos**, licenciada e doutorada em Psicologia, com pós-doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Membro do CIEd - Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Membro do projeto de investigação "Investigar e avaliar o projeto Re-Criar-Se"